

pre associada à de anarquia, tumulto, desordem. A Constituinte era ameaça de tudo isso.

Na segunda quinzena de setembro, dirigindo-se o povo para o Senado da Câmara a fim de assistir à discussão do problema se devia ou não o imperador jurar a Constituição a ser elaborada no ato da aclamação, esbirros da polícia dissolveram a reunião a pedradas. Era apenas o prelúdio: na aclamação, o imperador não se comprometeu com a Constituição futura e, com o golpe ministerial de 30 de outubro, a direita liquidou os que colocavam o problema da liberdade. Quando da coroação, em dezembro, D. Pedro dispunha de ilimitado poder, o liberalismo estava derrotado, criara-se clima insuportável para a imprensa. E, no desenvolvimento do processo, pelo aprofundamento das contradições, a situação desembocaria no fechamento da Constituinte e na suspensão da liberdade de imprensa. Esse é o período que vai ficar assinalado pelo aparecimento ou desaparecimento de numerosos periódicos, que refletem e influem nas lutas políticas. É a imprensa do ano da Independência e do ano da Constituinte dissolvida, com a direita em ascensão — a imprensa que luta pela liberdade e que, como no período anterior às cortes, será perseguida e amarrada ao tronco do poder.

A 18 de dezembro de 1821 começou a circular no Rio de Janeiro um dos periódicos mais típicos da imprensa da época, *A Malagueta*. Fundado e dirigido por Luís Augusto May, antigo militar, depois funcionário português, que chegara ao Brasil em 1815, teve quatro fases: a inicial, de 18 de dezembro de 1821 a 5 de junho de 1822, com 31 números; a segunda, compreendendo os sete números das *Malaguetas Extraordinárias*, aparecidas irregularmente entre 31 de julho de 1822 e 10 de julho de 1824; a terceira, de 19 de setembro de 1828 a 28 de agosto de 1829, com 91 números; e a quarta, de 2 de janeiro de 1831 a 31 de março de 1832, com 36 números. Aparecia, salvo na segunda fase, ora uma ora duas vezes por semana. Constava geralmente de um só artigo e era vendida a 100 réis. Tinha como epígrafe a frase de Rousseau: “Quando se diz acerca dos negócios do Estado — que me importa? — deve-se dizer que o Estado está perdido”. Foi impressa, sucessivamente, nas tipografias de Moreira & Garcez, de Silva Porto, da *Astréia* e de R. Ogier.

A Malagueta alcançou grande repercussão, consideradas as características do tempo, nos meios fluminenses, provocando o aparecimento de algumas publicações de contradição, até mesmo em Portugal⁽³¹⁾. Atribuíam

(31) No prefácio à edição fac-similar da *Malagueta*, publicada na coleção dirigida por Rubens Borba de Moraes, Hélio Viana relacionou essas publicações. A referida edição reúne os números da primeira e da segunda fase do jornal de May, 31 da primeira e as 7 *Malaguetas Extraordinárias* da segunda, constituindo o primeiro volume da obra que, infelizmente, não teve continuação.